

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

OS SIGNOS DA CONTRADIÇÃO EM *VIDAS SECAS*

Márcia da Gama Silva Felipe
prof.marciadagama@gmail.com
Mestre em Letras – Língua Portuguesa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Orientadora: Prof^ª. Dra. Darcília Marindir Pinto Simões
Programa de Pós-graduação em Letras
Área de concentração: Língua Portuguesa
Data da defesa: 18 de janeiro de 2017

PALAVRAS-CHAVE: iconicidade verbal, contradição, *Vidas Secas*.

O romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tem sido alvo de inúmeros estudos nos mais diversos campos do conhecimento. Apesar de se tratar de um texto clássico, normalmente alvo de inúmeras abordagens, percebeu-se, com base nas publicações de teses e dissertações de algumas Universidades, que as pesquisas acadêmicas ainda não esgotaram as possibilidades de análise da narrativa-cópus objeto desta investigação. Foram analisadas pesquisas nos bancos de dados das bibliotecas digitais de cinco universidades brasileiras, sendo três federais e duas estaduais: UFRGS, UFRJ, UFF, USP e UERJ.

Nesse universo, identificou-se um total de 23 trabalhos com foco na obra *Vidas Secas*, sendo 13 no campo da Literatura, 9 no de Língua e 1 no âmbito da História Social. O estudo da linguagem nesse romance foi privilegiado, de forma bastante significativa, apenas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Contudo, percebeu-se uma lacuna importante na abordagem dessa obra, que se tornou o objeto de estudos da dissertação que ora se apresenta, a saber: uma abordagem semiótica da narrativa de Graciliano Ramos. Esse enfoque visa a contribuir tanto para o entendimento do romance *Vidas Secas* como obra literária representativa de um período histórico, como também para um ensino mais profícuo da Língua Portuguesa, com base nos textos literários. Desse modo, o ponto de partida para as investigações foi a contextualização da obra: sua localização no momento histórico e literário vivenciado pelo autor, quando na produção do romance.

Para respaldar o olhar semiótico na análise da obra, seguiu-se de perto os parâmetros apresentados pela *Teoria da Iconicidade Verbal* (SIMÕES, 2009), cuja proposta de abordagem do texto escrito permite a investigação das escolhas lexicais e da organização dos signos no tecido textual, a fim de que seja possível perseguir a trilha desenhada na narrativa, no momento de sua produção.

A principal hipótese desta pesquisa é a de que a obra em foco, ainda que não intencionalmente, representa uma contradição vivenciada pelo povo brasileiro no período histórico no qual se insere. Publicada no ano de 1938, na vigência do Estado Novo, *Vidas Secas* foi recebida como uma obra que retrata com fidelidade o homem sertanejo e o sertão nordestino. Graciliano Ramos usa a palavra, ou a ausência dela, para denunciar as contradições vivenciadas por seus conterrâneos.

Nessa narrativa, o agreste é representado na linguagem seca e minguada de suas personagens. O perfil traçado pelo autor para *Fabiano*, protagonista do romance – homem rude, com articulação linguística restrita – contrasta com o excesso de introspecção que o caracteriza. Essa suposta contradição foi alvo da crítica de Álvaro Lins no texto “Valores e misérias das Vidas Secas”, prefácio do romance cuja edição serviu de

base ao presente trabalho. O conteúdo desse prefácio apresenta o que seriam dois defeitos da obra do romancista: a falta de articulação entre os capítulos e o “excesso de introspecção em personagens tão primários e rústicos” (LINS, 1970, p. 11).

O percurso de análise do corpus foi organizado da seguinte forma: primeiramente, buscou-se perceber o potencial sógnico dos nomes das personagens, comparados ao processo de caracterização, para que fosse possível identificar o modo como corroboram a hipótese inicial. Essa escolha parte da consideração de que a nomeação das personagens não é fato aleatório, senão motivado. Num segundo momento, ainda no âmbito da caracterização das personagens, identificou-se a carga semântica agregada aos seres humanos, decorrente do perfil que lhes é traçado a partir da comparação com animais irracionais.

Dedica-se ainda um capítulo à personagem Baleia. Justifica-se esse tratamento especial dado à personagem pelo fato de o animal representar um contraponto às personagens humanas em *Vidas Secas*. O processo de desumanização sofrido por *Fabiano* e sua família é concomitante à humanização da cadela em toda a narrativa. Finalmente, buscou-se analisar o potencial de verossimilhança da obra, conceito caro aos estudos literários, com o objetivo de perceber mais uma vez a configuração da ideia principal desse estudo, qual seja: a representação de uma contradição.

Nas conclusões apresentadas, foi possível responder às indagações que nortearam as pesquisas. A primeira questão: “É possível comprovar a contradição em *Vidas Secas* a partir do estudo da iconicidade de seu vocabulário?” – foi respondida com base na aplicação da tríade semiótica: *ícone, índice e símbolo*, pesquisaram-se a origem e o significado dos nomes das principais personagens da obra.

Com a análise semiótica, foi possível comprovar a contradição na narrativa de *Vidas Secas* a partir do estudo da iconicidade de seu vocabulário. Um dos principais exemplos foi encontrado no protagonista *Fabiano*, *ícone* de prosperidade e dor, duas imagens contraditórias deflagradas pelos significados atribuídos ao substantivo que o nomeia. Apoiado por um terceiro sentido para o mesmo substantivo, surge o *índice* apontando para um possível projeto comunicativo de seu criador. Essa indicialidade assinala, possivelmente, uma proposta político-social para curar a “ferida social” representada pelo sertanejo: símbolo da contradição.

Outra prova dessa contradição histórica é configurada no antagonista. O *soldado amarelo*, também portador de dupla iconicidade. Nesse caso, os *ícones* de autoridade, força e coerção associados aos *índices* de fraqueza e covardia. Ressalta-se ainda que a função exercida por essa personagem está acima do indivíduo. O soldado amarelo não tem nome, é o agente/símbolo de um Governo ambíguo e contraditório.

A segunda pergunta – “As formas icônicas e indiciais levantadas em *Vidas Secas* podem atestar a verossimilhança entre o mundo narrado e o mundo vivido pelo sertanejo?” – foi respondida com base nas formas icônicas e indiciais levantadas na obra. Identificou-se tanto as imagens próprias do ambiente narrado, quanto a trilha desenhada pelo autor, calcada na caracterização física das personagens.

A comprovação da verossimilhança da obra em relação ao cenário sociopolítico da época configurou a resposta à terceira questão – “Caso seja comprovada a contradição na narrativa-cópus, o mundo narrado se mostra verossímil em relação ao cenário sociopolítico da época?” – A análise dos capítulos que, insuspeitadamente, narram fatos e momentos da sina sertaneja, foi determinante nessa configuração. Como exemplificação, pode-se citar, o capítulo “mudança” que representa não apenas a eterna fuga dos

retirantes, mas também, o arrastar-se pelo sertão; uma espécie de charivari, cômico/irônico, que vai deixando na “porta” dos seus desafetos/governantes os “objetos imprestáveis” em sua caminhada sem destino, numa mudança para um lugar qualquer.

No capítulo em que o vocábulo *pena* surge como parte do título, foi possível perceber o efeito da polissemia dessa palavra cujos significados, coincidentemente ou não, são adequados à interpretação da narrativa em questão: castigo, repressão pelo poder público, sofrimento, desgosto, dó ou, simplesmente, “órgão que cobre o corpo das aves”.

O capítulo “O mundo coberto de penas”, o micromundo de *Fabiano* remete a um mundo maior, subjetivo (ou não) no qual muitos outros “fabianos” são relegados à própria sorte. Metáfora do mundo real, o mundo do protagonista é legitimado, quando localizado no contexto no qual sua história é construída.

A resposta à última questão – “A iconicidade e a verossimilhança podem auxiliar a compreensão de um texto literário?” – contou com os estudos semióticos de Umberto Eco (2000, p. 11-12); cuja definição de “leitor modelo-ingênuo” e “leitor modelo-crítico” comprovaram a possibilidade de um texto apresentar dois níveis de interpretação. O primeiro, com base nas pistas deixadas pelos *ícones*, representando a realidade objetiva, o leitor toma o texto por verossímil. O segundo, calcado nos índices que apontam para uma realidade mais subjetiva, identifica a verossimilhança, subjacente à narrativa, com base em seu conhecimento enciclopédico.

Com base nessas investigações, foi possível confirmar que o texto de *Vidas Secas* é o *signo* da contradição de um período histórico. Essa configuração foi explicada pelo mundo narrado por Graciliano Ramos, tornando o romance verossímil ao “leitor-modelo crítico”, em relação ao cenário sociopolítico contraditório da época.

O tom profético do narrador no último capítulo da obra, retomada neste trabalho prenuncia: “Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá” (*Vidas Secas*, p. 172). Quase oitenta anos após sua publicação, a fala do narrador assume um tom de profecia que permanece sendo cumprida nos grandes centros urbanos do Sudeste brasileiro.

Referências

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das Vidas Secas. Prefácio à 27 ed. (p. 9-40). In. RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 27 ed. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

SIMÕES, Darcilia. *Iconicidade verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

Disponível em: <<http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/iconicidadeverbal.pdf>>.

Recebido em 6 de fevereiro de 2018.

Aceito em 8 de fevereiro de 2018.